

ANON
Ó
S
TRA

ANOSTRA

N

!

CHRISTELLE DABOS

S

Tradução: ISABELLA VERAS



MORROBRANCO
EDITORA

Nós

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 CHRISTELLE DABOS

ISBN: 978-65-6099-064-7

Translated from original Nous. Copyright © 2024 by Christelle Dabos. ISBN 978-2-07-521180-2. This translation is published and sold by arrangement with Gallimard Jeunesse, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D131n

1.ed. Dabos, Christelle

Nós. Christelle Dabos; tradução Isabella Veras. — 1.ed. — Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025.

480 p.; 13,8 x 21 cm.

Título original: Nous.
ISBN 978-65-6099-064-7

1. Literatura contemporânea francesa. I. Veras, Isabella. II. Título.

CDD 843.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura contemporânea francesa 843.92

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano
Produtora Editorial: Luana Maura
Tradução: Isabella Veras
Revisão: Carol Colfield
Diagramação: Rita Motta

SUMÁRIO

Princípios instintivos e burocracia instintiva	vi
1. Abra-me a sua porta	1
Todo mundo tem um Instinto	7
Apenas o Instinto decide	71
O Instante propício	133
2. Nunca esquecerei você	203
Você, eu e o Nós	211
Quem é?	295
Nós encontraremos Você	391
Sobre a Autora	473
Agradecimentos	474

PRINCÍPIOS INSTINTIVOS

1. Todo mundo tem um Instinto.
2. Sempre se deve acreditar no próprio Instinto.
3. Todos os Instintos são iguais.
4. Só existem Altos Instintos.
5. Mentir sobre o próprio Instinto é ilegal.
6. O uso indevido do Instinto é crime.
7. O Instinto sabe onde, quando e como.
8. Você não precisa saber o porquê.
9. A Burocracia Instintiva tem autoridade máxima.

BUROCRACIA INSTINTIVA

- I. Um Virtuoso salvou 11 vidas.
 - II. Um Anjo salvou 101 vidas.
 - III. Um Arcanjo salvou 1.001 vidas.
 - IV. Um Trono salvou 10.001 vidas.
 - V. Um Querubim salvou 100.001 vidas.
 - VI. Um Serafim salvou 1.000.001 vidas.
 - VII. Um Poderoso salvou 10.000.001 vidas.
 - VIII. Um Messias salvou 100.000.001 vidas.
 - IX. Um Supremo salvou 1.000.000.001 vidas.
- É “Santo” o Virtuoso, o Anjo, o Arcanjo e o Trono.
É “Altíssimo” o Querubim, o Serafim, o Poderoso e o Messias.
O status de Supremo, até hoje, nunca foi atingido.



ABRA-ME A
SUA PORTA



MARTHE

(MESMO QUE ISSO NÃO TENHA IMPORTÂNCIA)

DOE SANGUE

UMA GOTINHA PARA VOCÊ

UM GRANDE GESTO PARA O NÓS

DOANDO SANGUE,
VOCÊ SALVA VIDAS!*

Ela continua imóvel diante do anúncio no ponto de ônibus. Sobretudo por causa do asterisco. Ela quebra a cabeça para decifrar as letras miúdas à direita do cartaz: *“*À razão de 4 doações por ano durante um período de 3 anos consecutivos, você ganha 1/2 ponto de vida ao se dirigir ao Cômputo do seu setor”*. Sim, era mesmo o que ela pensava: não tem por que abraçar a via da santificação.

Sempre tem um asterisco.

O ônibus chega. Ela pega a caixa de ferramentas aos seus pés e entra, lançando olhares furtivos aos outros passageiros. Está lotado e sufocante. Ela ignora todos os jeans rasgados e os cortes mullet, todas as bandanas fluorescentes e as bolas de chiclete para se concentrar em cada rosto. Em cada marca. Há dois fabricantes, um calculador, uma informante, prestativos de todo tipo (dos quais uma, quatro vezes mais velha do que ela, cedeu-lhe imediatamente o lugar ao fundo do ônibus), mas, antes de tudo, ufa: nenhum reparador.

Desses ela prefere passar longe no transporte público. Toda vez que um vê sua marca e descobre que ela também é reparadora, é tiro e queda: ele se sente obrigado a trocar “parafusos”. O Trajeto. Inteiro. E, se descobre a cereja do bolo — que ela ainda está no internato da Escola da Reparação — sente-se no dever de contar a ela em detalhes o próprio aprendizado, ai, ai, que bons os tempos

da minha juventude, senhorita, aproveite ao máximo! Parecia que ela estava ouvindo os primos de segundo grau.

Aproveitar o quê?

Os cursos que não ensinam nada que o seu Instinto já não saiba. Quanto ao estágio na sociedade de manutenção de elevadores, de onde ela acabou de sair, ele resume bem o resto do seu destino medíocre. Parafusar. Desparafusar. Voltar a parafusar.

Ela se chama Marta, inclusive, mas isso não é lá muito importante. Ela cola a bochecha na janela do ônibus e observa o balé dos pedestres. Um limpador com vassourão que livra a calçada de tudo o que pudesse fazer as pessoas tropeçarem, um afetuoso de patins que faz sua rodada de carinhos em qualquer um que esteja desassossegado, um menininho que já está ajudando a mãe a carregar as compras — ainda não recebeu sua marca, mas não deve demorar, já deve ter quase 11 anos. Nos olhos deles, o mesmo brilho, a mesma urgência.

A osmose do Nós.

Marthe levanta o nariz para olhar o desfile cúbico imóveis. Cimento queimado, molduras de alumínio, terraços, grafites por toda parte, são todos parecidos. Com uma exceção: o arranha-céus dos Altíssimos no Sul, lá longe. Cintilante e espetacular. Marthe o contempla do seu assentozinho de zero à esquerda, no fundo do ônibus, esmagada pelo seu tamanho. Eles devem ter elevadores excelentes lá, mas dispõem de um serviço de manutenção próprio. Ela nunca entrou lá; ela não é importante o suficiente; ela não salvou nenhuma vida; ela só sabe parafusar, desparafusar e voltar a parafusar. Como sempre faz em cada trajeto depois de sair do estágio ao qual ninguém a prende, antes de voltar à Escola na qual ninguém a aguarda, ela passa o tempo contando os andares. Ela nunca consegue contar todos. Acha até engraçado chamarem esse prédio de "o arranha-céus dos Altíssimos", porque, na prática, fora os 4 Serafins do Sul que residem entre o 80º e o 99º andar, só há Santos ali dentro: inúmeros Virtuosos, um monte de Anjos, alguns Arcanjos e uns dez Tronos.

Mas veja bem, Santos ou Altíssimos são apenas nomes no final das contas. Nomes e números. Eles nascem com seu Instinto e morrem com seu Instinto, depois cedem seu lugar a outros que nascem com seu Instinto e morrem com seu Instinto, como os

meros mortais, a diferença é que salvam vidas. Muitas, muitas vidas. Vidas não tão importantes assim e que não duram muito.

Marthe engole em seco. Se alguém no ônibus soubesse no que ela está pensando, seria denunciada na hora. Será que ela é a única que tem pensamentos profanos? Os Altíssimos e os Santos são sagrados. Ela também é sagrada. Todos são sagrados, porque todos têm um Instinto, e, aos olhos do Nós, todos os Instintos são iguais.

Marthe aperta a caixa de ferramentas com os dedos. Ah, não. Entrou um velho no ônibus trazendo um carrinho de compras. Ela consegue ver daqui que uma das rodas está quase se soltando. Marthe tem um alcance instintivo de 180cm: desde que o velho não venha se meter no fundo do ônibus, perto dela, onde Marthe não poderá ignorar a disfunção...

E, sim. O velho está vindo para cá.

No instante em que ele penetra seu campo instintivo, Marthe a sente: a vontade premente de parafusar rápido, rápido, rápido aquela rodinha. Ela engole em seco mais uma vez. Tecnicamente, esse carinho ainda não quebrou, o Instinto não venceu, mas é como se lhe desse coices no ventre.

Reparar, reparar, reparar.

É deliciosamente insuportável. Esse é o pior caso para Marthe: ficar nessa alegria antecipada de ceder logo ao Instinto, de quase esperar, sim, quase, que essa rodinha se desparafuse de uma vez por todas.

O velho está sentado no banco em frente ao dela, uma mão no carrinho, o ar sonhador. Ele está com um broche "I". Um Virtuoso aposentado. Segundo sua marca, é um cuidador e, ainda segundo sua marca, ele tem um alcance instintivo muito pequeno. Marthe acha isso desonesto. Acabou de penar quatro horas no curso e quatro horas no estágio, ela merece uma trégua! Como esse velho doutor reagiria se um cara com úlcera estomacal colasse nele? Se o seu Instinto o impelisse a largar suas compras, seu devaneio, tudo o que está fazendo, para se dedicar inteiramente à saúde de um completo desconhecido?

Ela salta do assento.

Seu Instinto lhe enviou uma descarga química no corpo inteiro. Desbaratada pelos solavancos do ônibus, a rodinha acabou se soltando. **REPARAR!** Antes mesmo que o velho doutor pudesse entender por que seu carrinho de compras perdeu o equilíbrio de

repente, Marthe já está de joelhos, chave treze na mão, parafusando novamente a porca. Cada volta da chave é um êxtase. Ela se sente tão plena, tão presente, tão Nós!

— Obrigado, senhorita.

Marthe não responde nada ao velho doutor, nem mesmo o seu sorriso. A rodinha foi reparada; a euforia passou. Obrigado pelo quê? Foi o Instinto que fez tudo. Ela não queria ajudá-lo.

Ela organiza a caixa de ferramentas e desce na sua parada, no cruzamento das Escolas. Ali, ela fica um tempo na calçada, em meio ao fluxo de passantes, para arrumar os sapatos.

Está envergonhada.

Marthe volta ao portão da Escola da Reparação. Da grade, ela observa o fluxo de estudantes e professores, cada um com a mesma caixa de ferramentas que a sua em mãos, com a mesma marca no rosto que a sua — pertinho dela. Parecem estar tão satisfeitos! Felizes pela tarefa cumprida e felizes por todas as que virão.

Será que Marthe talvez não devesse simplesmente parar de esperar outra coisa do Nós além do que ela já é? Voltar ao internato, parafusar, fazer os cursos, desparafusar, terminar o estágio, parafusar de novo, passar nas provas de fim de ano e aceitar o primeiro posto de fábrica que lhe oferecerem? Talvez até, de repente, fazer alguns amigos e recuperar o contato com os primos de segundo grau do Setor Leste?

Mas Marthe não recuperará o contato com seus primos de segundo grau.

Marthe não voltará nem ao curso nem ao seu estágio.

Marthe não voltará mais a parafusar as rodinhas de velhos doutores no ônibus.

Porque foi nesse dia, no Setor Sul, em frente ao portão da Escola da Reparação, que Marthe e sua caixa de ferramentas foram vistas pela última vez.



TODO MUNDO TEM UM INSTINTO

*Claire,
Você está tão perto e me faz tanta falta.
J.*

GOLIATH

SÓ MAIS UMA VIDA

Uma gota de sangue se desmantela no fundo do lavatório. Meu sangue. Eu queria deixar uma boa impressão? Comecei bem. Solto um palavrão — o menos blasfematório possível — enquanto aplico um lenço sobre o corte. Já faz três anos que tenho barba no queixo, e me barbear continua uma tortura. Meu irmão riria da minha cara, se me visse agora. Pelo menos não arruinei a minha marca: o essencial está a salvo.

Eu me examino no espelho. Sou maior de idade desde ontem.

Será que estou diferente? Sempre me disseram que eu tinha cara de bandido, e isso não mudou muito. Reajusto a pressão dos meus dedos artificiais ao redor da lâmina; fazer a barba consegue ser pior que segurar minha escova de dentes, mas preciso estar impecável. Meu futuro depende disso.

Ele está ao lado do lavatório: um lindo envelope azul celestial com meu nome e o logo aureolado da Burocracia Instintiva. Eu o encontrei hoje de manhã na caixa de correio quando estava voltando da minha corrida. Ainda não o abri (gesto que consegue ser pior do que segurar uma lâmina), mas já o coloquei contra a luz. Sei o que está escrito.

Uma contagem regressiva.

— Só mais uma vida.

As palavras me escapam. Aprumo o peito e levanto os ombros, doloridos do treino intensivo que me imponho, além da corrida de regra, a cada manhã. Minhas próteses dos braços emitem cliques bem lubrificados. O cheiro do sabão se perde no de lubrificante mecânico; prática cotidiana obrigatória, se eu quiser usar minhas mãos corretamente.

Dou uma olhada no quadro de horários das duchas coletivas. Em um instante, o alarme despertará meus colegas, mas aqui,

agora, as fileiras de lavatórios velhos, o gotejar dos canos, o fedor da água sanitária Javel, o azulejo trincado sob meus pés, as lâmpadas que não poupam nenhum detalhe do banheiro e os roupões de banho, usados mil vezes, lavados outras mil, tão ásperos que lixam a pele, pendurados nos ganchos como carcaças, sim, agora tudo me pertence.

Começando pelo meu Instinto.

Fecho as pálpebras, procurando sob a minha pele, sob a minha marca, no fundo da minha carne, no interior dos meus ossos, procuro e sei que está ali, à espreita, que continuará ali até o meu último suspiro, que ele sou eu, ou antes o melhor de mim.

Reabro os olhos. Mas que inchaço é esse entre as minhas costelas? Isso não é normal, nada normal mesmo, preciso me vestir rápido, rápido e não pensar mais nisso, principalmente não hoje, deixar uma boa impressão. Fecho o zíper do blazer da Escola do Protetorado. Sou quase um Virtuoso, um quase-Santo, vou mostrar direitinho para todo mundo ver — principalmente a você, irmãozinho —, e para isso: só falta salvar mais uma vida.

O alarme ressoa por todo o internato. Vamos nessa.

Coloco o envelope azul celeste no bolso e atravesso o corredor em zigue-zague entre os alunos que acordam. Nos dormitórios, gente bocejando, se alongando e se aquecendo. Os mais jovens se distanciam vivamente da minha passagem enquanto se agasalham. Não é de mim que têm medo, mas dos meus braços, do que também eles poderiam perder. Já vejo alguns bem machucados neste fim de ano, perna engessada, mãos enfaixadas, nariz coberto de curativos: pois é, nascer protetor é isso.

Enquanto desço as escadas, os primeiros colocados da turma me contornam em ritmo de corrida, berrando o hino *O que nós protegemos!* a plenos pulmões, sem nem olhar para mim. Fingem que nunca pertenci a eles, mas não faz muito tempo que eu era o maioral do grupo.

Debruço-me na balaustrada:

— Já fui correr, primeiro a tomar banho e último a se deitar, tenho dez vidas registradas! E o exemplo a seguir são vocês?

Minha voz grossa ressoou escada abaixo, mas não me responderam. Bosta.

Está chovendo à beça, os vidros do patamar estão vazando. Entre os inúmeros adesivos fluorescentes, muito na moda, só

alguns espertinhos se divertem, aglomerando-se quase por toda a parte, vejo passar lá fora os faróis de luz de uma patrulha de Virtuosos. O cruzamento das Escolas já está bem engarrafado. Os neons do Santo Mundo, o café mais explorado do quarteirão, piscam do outro lado da rua. Examino com cuidado as fachadas de cimento queimado vermelho das outras Escolas, menos pichadas e mais chamativas do que a nossa. Parece que eles têm direito a barbeadores elétricos nesses cantos e a banheiros que fecham. Eu não gostaria de trocar de lugar com ninguém, muito menos com nossos vizinhozinhos da Escola da Confidência: eles que fiquem onde estão, protegidos por suas lindas janelinhas de vidro insulado.

Um confidente não salva ninguém.

Tiro os olhos do cimento queimado vermelho, do cruzamento congestionado, dos neons do Santo Mundo e procuro ao longe, perdido nas nuvens, o arranha-céus dos Altíssimos do Sul. Faço o sinal da cruz, como sempre. Abraçar a via da santificação é ser acolhido, abrigado, alimentado, inocentado, respeitado.

Eu me apresento ao escritório da diretora muito antes do horário de abertura. Ele é, com as salas de aula e o parlatório, o único lugar da Escola do Protetorado que tem uma porta. Misturamos nossas vidas e fazemos nossas necessidades juntos, meninos e meninas, sem nenhuma intimidade, apenas uma forma de nos ensinarem a comunhão com o Nós. É melhor não pensar agora, já que estou me preparando para enfrentar a diretora e tudo o que realmente acontece entre essas ausências de porta.

Que pena, não tenho paciência para aguardar, cada minuto conta. Minha prótese produz um som de panela quando bato à porta.

— Entre.

A voz da diretora já está na defensiva. Abro a porta.

— Peço que me realoque para a brigada de incêndios!

A diretora levanta o rosto da máquina de escrever para me inspecionar da cabeça aos pés, olhando de seu escritório revestido de fórmica. Ela me apavorava quando eu era pequeno. Essa bengala que deixa encostada no assento já me bateu em todo canto do meu corpo. Essa é a nossa diretora, amputada até a coxa ao salvar sua sétima vida.

— Três coisas, Goliath. Um: apague esse sorriso da cara, não tem beleza para isso. Dois: quando se dirigir a mim, favor não gritar, agradecida. Três: sente-se.

Então eu me sento.

A cabeça da diretora é tão lisa e brilhante como uma bola de discoteca. Eu nunca raspo a minha tanto assim. Toda essa pele exposta realça a marca dos protetores que ela tem no rosto. A mesma que eu, a única diferença é que a sua indica um maior alcance instintivo.

No escritório, como em toda a Escola, os pôsteres levam o logo aureolado da Burocracia Instintiva:

AINDA NÃO É MAIOR DE IDADE?
ABRACE A VIA DA SANTIFICAÇÃO
OS ALTÍSSIMOS ESTÃO À NOSSA DISPOSIÇÃO 24H/DIA
COMPORTAMENTO SUSPEITO?
ENTRE EM CONTATO COM NOSSOS DESMISTIFICADORES!
NÃO EXISTE INSTINTO PEQUENO,
MAS GRANDES DESTINOS, SIM

Meus sonhos de adolescente se alimentaram dessas tipografias estilo “cheguei”. Coloco o envelope azul celeste ao lado da máquina de escrever, depois falo, um pouco mais baixo:

— Recebi.

A diretora rasga o envelope, desdobra a carta e suspira.

— É sério, Goliath? Uma derrogação?

— Eles me deram trinta dias contando a partir do meu aniversário. Agora são 29. Realoque-me para a brigada de incêndios.

Não consigo evitar exibir meu lado mecânico durão — literalmente. Quero que a diretora constate por si mesma o que me tornei ontem: um adulto. Não tenho mais nada daquele moleque sujo que lhe deu tanto trabalho desde que chegou à Escola do Protetorado. Desenvolvi músculos e disciplina e juízo (e um inchaço que sinto entre minhas costelas a cada respiração), (um inchaço que de normal não tem nada), (chega).

— É na brigada de incêndios que quero terminar meu estágio do último ano. Com os outros primeiros da turma.

Reprimo um movimento de recuo quando a diretora vira sua calculadora para mim. Ela até parece calma assim, mas já me tancou seu telefone, e fiquei com a marca da roda de discagem por muitos dias na testa.

— O número que você está vendo na tela, Goliath, é o nosso orçamento. O que resta dele depois de quitadas todas as faturas. Quase nada. E, com esse quase nada, preciso encher a barriga de vocês, vestir suas bundas e cuidar dos seus dodóis.

Coloco minhas mãos artificiais nos bolsos do meu blazer. Esse dodói foi especialmente caro. Um canteiro de obras de tratamentos industriais, a blusa de um trabalhador se prende em um triturador de metal e pronto: ganho minha décima vida e perco dois braços em troca. O mais engraçado? A diretora tinha me colocado na segurança do trabalho porque eu já estava de olho na brigada de incêndios.

— A senhora me rebaixou para o departamento de trânsito o ano inteiro, diretora. Aceitei. Fui imprudente, aprendi minha lição. Mas a senhora não pode me punir pra sempre. Não com essa derrogação. Não quando estou tão perto. Só mais uma vida!

Eu lhe aponto o Mural da Vergonha no corredor, além da porta que ficou aberta. Lá estão fixadas fotos de todos aqueles que desertaram a Escola, seja por fraqueza ou por acidente. Uma bela fila de perdedores, e que pena ver ali no meio uma antiga colega minha que saiu de um dia para o outro, voltou para seu buraco no meio do nada, o Setor Oeste-Noroeste, sem desculpas, sem orgulho.

— Se tem alguém nessa Escola que vai chegar longe e subir na vida, diretora, sou eu. Realoque-me para a brigada de incêndios, onde vou poder honrar todo mundo.

Desta vez, levo uma calculadora. Um modelo de última geração com impressora integrada, até para uma cabeça dura como a minha, machuca.

Mas, ainda muito calma, a diretora replica:

— Uma pergunta, Goliath. Por que a Burocracia Instintiva colocou a maioria como data limite para abraçar a via da santificação? Resposta: porque as pessoas que realmente estão destinadas a salvar vidas recebem essa determinação como evidência, e isso desde muito novas. Essas pessoas não precisam de derrogação nenhuma. Derrogação que, diga-se de passagem, não passa de um prêmio de consolação por você ter perdido os braços. Derrogação que eles lhe permitiram, Goliath, porque você pediu explicitamente. Derrogação que termina na mesma data que suas provas e que vai distrai-lo dos estudos. O risco que você corre é o de se quebrar demais, de um jeito que ninguém conseguirá consertar, e acabar

sem nenhuma perspectiva de carreira, fora puxar a orelha de pirralhos da sua laia.

Ouçõ em sua voz: a falta. A diretora nunca sai daqui, nunca vai onde as coisas acontecem, e aqui, entre os muros da Escola do Protetorado, os acidentes continuam raros. Em algumas semanas, depois das provas, quando eu receber meu diploma, partirei com todos aqueles da minha categoria. Sou um lembrete do que ela talvez nunca mais tenha depois da minha partida, um cabeça quente a proteger, e todo mundo sabe o que acontece quando não exercemos nosso Instinto regularmente. A diretora já tem rugas demais para a sua idade.

De repente, fico com medo de que isso também me aconteça. O inchaço entre as costelas me sufoca.

— A brigada de incêndios, diretora.

— Você vai terminar o estágio no departamento de trânsito até a entrega dos diplomas. Já terá salvado dez vidas, Goliath. A última quase foi demais para você. A principal vocação das Escolas é formar cada aluno de acordo com seu Instinto, intelectual e fisicamente, a fim de que possa ser o receptáculo ideal. Nós educamos protetores aqui, não mártires. Dez vidas já é bem aceitável para a sua idade. Você tem um histórico honesto com vários bônus. Não estrague tudo, concentre-se nos estudos e obtenha seu diploma. Terá um excelente cargo em uma excelente empresa com um excelente salário. Pode retirar-se.

Eu me vejo correr feito um louco furioso noite adentro. Penso nas câimbras nas panturrilhas, nos analgésicos, no orgulho que engoli, nesse monte de ferro-velho no lugar dos braços, nesse inchaço que, agora tenho certeza, cresce como um tumor. E para quê? Um *excelente cargo*? Não é suficiente. Se quero ter uma chance de medir forças com meu irmão, nunca será suficiente.

Vinte e nove dias. É tudo o que me resta para salvá-la, essa décima primeira, essa última vida, para me tornar um Virtuoso a tempo.

— Prefiro ser um mártir a um covarde.

Talvez eu não esteja muito familiarizado com portas, mas a da diretora eu bati com força.

O UNIVERSO NAS VEIAS.

Minha primeira vez.

É claro que lembro. Um ser humano pode se esquecer das primeiras palavras, dos primeiros passos, da primeira queda, mas não do despertar do seu Instinto.

Minha primeira vez foi quando vovô morreu. Dois minutos antes da sua morte, na verdade. Estávamos todos à mesa, almoço em família, louças chiques de domingo, guardanapos floridos, vento batendo nas cortinas, cheiro de filé com fritas, televisão no último volume, e eu, pois é, eu estava jogando mingau na bochecha do meu irmão mais velho. De repente, percebi. Não foi quando vovô levou a mão à goela, não foi quando meus pais correram até ele, derrubando as cadeiras. Não, eu percebi no instante em que ele garfou sua carne com um gesto negligente, os olhos vidrados na televisão. Isso me provocou uma descarga em toda a coluna vertebral, uma necessidade tão violenta de tirar aquele garfo de suas mãos, que fiquei sem fôlego. Quando finalmente consegui berrar — de pavor, de raiva, de surpresa e de alegria ao mesmo tempo —, já era tarde demais.

Foi esse o primeiro chamado do meu Instinto. A primeira morte que não fui capaz de impedir. Houve outras mais tarde: eu não era grande o suficiente, forte o suficiente, rápido o suficiente, e depois essa bendita, mas... Mas por que estou pensando nisso mesmo?

Agito meu bastão branca sob a chuva para as latas-velhas desacelerarem, depois para os alunos atravessarem. Meu supervisor de estágio me colocou no cruzamento das Escolas ainda por cima, o que significa quatro vias, duas linhas de ônibus e muitos, muitos jovens treinando para tirar a carteira de motorista.

Bosta, se meu irmão me visse agora...

Assim que ouço a sirene dos bombeiros de longe, eu me repito que aquele era para ser o meu lugar, na linha de frente com os outros. Sou o melhor da minha Escola. Só mais uma vida, bosta! Se eu não vejo problema em arriscar minha pele, por que a diretora vê?

Problema dela: tenho uma derrogação. E um plano de resgate.

Dou uma olhada nos neons do Santo Mundo na calçada à minha frente, entre as pichações da hamburgueria e as da midiateca. Tento, em vão, enxergar Flo atrás dos vidros inundados de chuva. É melhor ela estar pronta quando eu terminar meu estágio. Meu plano depende dela. Isso não me agrada. Preferiria não precisar burlar o sistema, mas não é como se me deixassem escolher.

— Tá pensando em quê, campeão?

Esparramado na calçada, a pinça de catar dejetos debaixo do braço, o saco de lixo encostado ao seu lado, Quéjéfê acende um enésimo cigarro abrigado pelo capuz da capa impermeável. Ele os engole a cada vez que uma patrulha de Virtuosos passa e os cospe assim que a viatura deles se vai. Sua boca deve estar cheia de bolhas por dentro. Quéjéfê tem a mesma idade que eu, mas a comparação entre nós para por aí.

— Tá pensando em quê, hein, tá pensando em quê?

Eu o ignoro como posso. Desde o dia em que comecei meu estágio no departamento de trânsito, Quéjéfê se sentiu na obrigação de fazer o seu também, ao meu lado. E quando digo “fazer”, esse é um verbo muito forte. Ele deveria limpar todas as calçadas do cruzamento, mas só mexe a bunda quando seu Instinto o impele diretamente — uma latinha jogada por um motorista, um dejetto canino, um folheto descolado de um poste, os próprios cigarros quando caem do seu bico — e dá para sentir que mesmo isso, mesmo a alegria de se abandonar de corpo e alma à onipotência do Nós, de só precisar se deixar levar, se deixar guiar, sim, mesmo isso, lhe custa. Tem quase tantos malus no histórico escolar quanto bônus no meu. Seu alcance instintivo é menor que o meu, e ele não faz questão de ficar de olho, só pega o que cai aos seus pés.

— Tá pensando em quê tá pensando em quê tá pensando em quê?

É de conhecimento geral que a Escola da Prestatividade — um prédio três vezes maior que o nosso — é uma zona. O Instinto dos prestativos compreende três subcategorias instintivas — civilidade, prevenção, bem-estar —, e, para cada uma delas, existe um monte de subcategorias: nutridores, anfitriões, porteiros, limpadores, caminhoneiros, afetuosos, verificadores, e vou parar por aqui. Sei que eles precisam respeitar algumas cotas, mas mesmo assim: como é que puderam aceitar um fumante assim aqui, no estabelecimento de maior reputação do Setor Sul? Os pais dele devem ter aberto a carteira. Quéjéfê desonra seu Instinto e o meu e aqueles de toda a humanidade e, pior de tudo: o do meu irmão.

— Tá pensando em quê tá pensando em qu...

— Fumar em via pública é proibido! — explodo. — E levante o capuz. Esconder a marca também é proibido. Se quiser profanar o Nós, fique à vontade, mas longe de mim.

Que azar, Quéjéfê continua aqui.